

IGREJA EVANGÉLICA BATISTA DE VIRADOURO

Pr. José Antônio Corrêa

AS RIQUEZAS DA INTIMIDADE COM CRISTO

ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL

AS RIQUEZAS DA INTIMIDADE COM CRISTO

<http://www.jesuscristovive.net/index/>

Pr. José Antônio Corrêa

LIÇÃO 1 - ENTENDENDO A NATUREZA DA IGREJA, CL 1.1-8

INTRODUÇÃO: As lições deste trimestre foram extraídas da epístola aos Colossenses, escrita aproximadamente em 61 A.D. Colossos era uma cidade da Frígia, localizada na província romana da Ásia. De lá Epafras trouxe uma carta a Paulo, apresentando um relatório sobre a situação da igreja. A carta apresenta pontos positivos e pontos negativos, como veremos no estudo das lições. Estudando a epístola pode-se perceber que só por meio da intimidade com Jesus Cristo se consegue entender os “mistérios” revelados na plenitude dos tempos. Estando Nele e vivendo Nele, seremos capazes de entender a natureza da Igreja. Fora de Cristo não existe possibilidade de compreendermos as verdades espirituais. O objetivo desta primeira lição é mostrar a posição, o caráter e as virtudes daqueles que compõem o Corpo de Cristo.

I – A POSIÇÃO DOS MEMBROS

Se olharmos para a Igreja com os olhos carnis, veremos tantos erros nela, que poderemos nos desanimar de prosseguir na jornada cristã. No entanto, o andar em comunhão com Cristo muda nossa concepção e nos faz vê-la como sendo a maravilhosa obra prima de Deus. Esta era a visão que o apóstolo tinha da Igreja, como podemos constatar no texto:

1. Deus determina nossa posição funcional no Corpo – “Paulo, apóstolo de Jesus Cristo, pela vontade de Deus” (v. 1) – Paulo tinha convicção da sua incumbência no corpo, pois costumava afirmar: “Pela vontade de Deus sou o que sou” (1Co 15.10). A Igreja é o Corpo vivo de Cristo e o Pai a organizou como quis (1Co 12.18). Portanto, Sua vontade santa deve ser atendida a qualquer custo. É importante que todos os membros tenham esta consciência: Pastores, presbíteros, diáconos, cantores, professores, membros em geral, nós estamos colocados na igreja para desempenhar a função estabelecida por Deus.

2. Deus determina nossa posição legal no Corpo - “aos santos e irmãos fiéis em Cristo que estão em Colossos...” (v. 2a) – Como é maravilhoso entender que cada irmão que participa da comunhão na Ceia do Senhor e que constrói a obra com seus bens, doando a própria vida, são primeiramente, “santos” e “fiéis”. Os santos são os que estão ajustados ao Corpo de Cristo, a Igreja. São denominados assim, porque o Senhor os resgatou para serem Dele (Rm 1.6). É exatamente isto que define um “santo”. É alguém que deixou de ser inútil e passou a servir ao Senhor de todo o coração. Quanto mais o coração do cristão está posto no Reino de Deus, mais santo ele é.

3. Deus determina nossa posição filial no corpo – “... graça a vós e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e da do Senhor Jesus Cristo” (v 2b) – Que afirmação alentadora: Ele é o “nosso Pai” e Pai do nosso Senhor Jesus Cristo. Que segurança! Temos direito a graça e a paz de Deus porque Ele é Pai de nosso Senhor. Aqui está a riqueza da intimidade com Jesus Cristo: “Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo” (Ef 1.3). Fora de Cristo o homem só tem direito as coisas efêmeras deste mundo e quando morrer tudo que herdar é a ânsia do juízo final.

II – O CARÁTER DOS MEMBROS

O cristão precisa ter seu caráter transformado. Esta mudança só acontece se permanecermos no Senhor. Andando com Ele aprenderemos a ser como Ele é (Mt 11.28-30). A religião não poder mudar o caráter do homem, só Jesus Cristo pode fazê-lo, como veremos:

1. Expressam sentimento fraternal - “Graças damos a Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, orando sempre por vós” (v. 3) – O sentimento do apóstolo é digno de ser imitado, pois ele demonstra fervorosa gratidão pela vida dos irmãos colossenses, ao afirmar que ora sem cessar por eles dando graças a Deus. Qual o motivo do agradecimento de Paulo? Certamente por ser fraterno com os irmãos e desejar-lhes o bem estar espiritual. Devemos ter o mesmo sentimento em relação aos irmãos, os da nossa congregação e os de outras denominações. Mas só quem tem intimidade com o “Cabeça”, pode ter intimidade com o “Corpo”.

2. Expressam fervor relevante - “porquanto ouvimos da vossa fé em Cristo Jesus...” (v. 4a) – Ouvir falar da fé significa ouvir falar das obras, pois não existe fé sem obras (Tg 2.17). Aos irmãos de Tessalônica, Paulo pôde afirmar: “lembrando-nos, sem cessar, da obra da vossa fé, do trabalho da

caridade e da paciência da esperança em nosso Senhor Jesus Cristo, diante de nosso Deus e Pai” (1Ts 1.3). Como filhos íntimos do Senhor, devemos expressar glorioso fervor.

3. Expressam amor imparcial - “... e da caridade que tendes para com todos os santos” (v. 4b) – A caridade é a mais forte expressão de amor cristão (1Co 13). É um amor prático. Quem convive com o Senhor, dia após dia, adquire este amor, porque Deus é amor (1Jo 4.8). A caridade para com todos os santos indica um amor imparcial. Não faz acepção de pessoas. O cristão que tem intimidade com o Senhor expressa amor caridoso para com “todos os santos” e não para com um grupo isolado.

III – AS VIRTUDES DOS MEMBROS

A virtude do servo de Deus é a vida dinâmica do Senhor Nele. O cristão está em Cristo e Cristo nele, na mesma relação em que está o pé de uva para com os seus ramos (Jo 15.5). Os que não têm esta intimidade com Jesus são apáticos e indolentes. Não conseguem expressar a vida do Senhor. Eis algumas virtudes dos membros do Corpo vivo de Cristo:

1. Esperança – “por causa da esperança que vos está reservada nos céus, da qual já, antes, ouvistes pela palavra da verdade do evangelho” (v. 5) – O cristão é cheio de esperança, porque quem lhe prometeu não pode falhar. Esta esperança cristã é o que justifica a renúncia, o desprendimento, a doação total, o zelo na obra etc. Os cristãos que não têm esta esperança viva perderam o ânimo, a alegria espiritual, o fervor e se apegaram as coisas deste mundo, sua única razão de ser. A esperança do cristão tem as seguintes peculiaridades:

a) – Está guardada nos céus – A esperança que Paulo faz menção é de origem divina. Só pode gozar dos seus favores, aquele que tem seus objetivos firmados no porvir, que sabe contar o seu tempo nesta terra e sabe que a nossa “pátria está nos céus” (Fp 3.20). Portanto, “retenhamos firmes a confissão da nossa esperança, porque fiel é o que prometeu” (Hb 10.23).

b) – Está apoiada no poder do evangelho – Esta esperança não está apoiada em promessas de homens mortais, mas foi o nosso Deus quem prometeu. Está contida na pregação do evangelho que é o poder de Deus para salvar (Rm 1.16,17). Temos a certeza de que podemos esperar Nele, segundo o poder do evangelho. “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua grande misericórdia, nos gerou de novo para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos” (1Pe 1.3).

2. Fruto resultante da graça de Deus – “... e já vai frutificando, como também entre vós, desde o dia em que ouvistes e conhecestes a graça de Deus em verdade” (v. 6) – O cristão que já experimentou o poder do evangelho e as riquezas da intimidade com Cristo, “já vai frutificando”. Não podemos conceber um cristão, que depois de ouvir o evangelho e conhecer a graça de Deus em verdade, continue estéril. O fruto é resultante da “graça de Deus em verdade” (Jo 15.8).

CONCLUSÃO: Começamos a entender que o cristão precisa, mais do que tudo, manter comunhão íntima com o Senhor. Esta é a única maneira pela qual podemos crescer em entendimento espiritual. A Igreja é o bem mais precioso do Senhor. Precisamos entender sua natureza a fim de que saibamos como nos relacionar adequadamente no Corpo. Tome uma decisão agora. Seja resoluto e comece a buscar as riquezas da intimidade com Cristo.

LIÇÃO 2 – PROGREDINDO ESPIRITUALMENTE, CL 1.9-14

INTRODUÇÃO: A vida cristã é constituída de contínuo progresso espiritual. Somos comparados a árvores, dando nisto a entender que como as plantas, devemos crescer (Lc 3.9). Desde o dia em que aceitamos as condições do evangelho, fomos ordenados a desenvolver a salvação (Fp 2.12). Infelizmente muitos cristãos contraíram a doença do nanismo. Precisamos atentar bem para os ensinamentos apresentados nesta lição a fim de que possamos progredir cada vez mais, na maneira de pensar, de agir e de ser.

I – PROGREDINDO NA MANEIRA DE PENSAR

“Por esta razão, nós também, desde o dia em que o ouvimos, não cessamos de orar por vós e de pedir...” (v. 9) - A oração do apóstolo mostra a grande preocupação que tinha pelos cristãos, no que se refere ao crescimento em vida. Para todas as igrejas, tinha sempre uma palavra de estímulo quanto ao desenvolvimento espiritual: “Antes, seguindo a verdade em caridade, crescemos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo” (Ef 4.15). A sua oração contém estas petições:

1. Devemos transbordar em conhecimento da vontade do Senhor - "... que sejais cheios do conhecimento da sua vontade..." - Paulo, estrategicamente, usa palavras e termos aplicados pelos gnósticos a fim de combater os erros que eles disseminavam. Como exemplo temos a palavra conhecimento (gnose). O conhecimento a que Paulo se refere, nada tem a ver com o acúmulo de informações filosóficas ou científicas, mas sim, com o conhecimento prático que corresponde a todas as expectativas do Senhor. "O conhecimento da sua vontade", deve transbordar em nós até que sejamos afogados nele por dentro e inundados nele por fora.

2. Devemos transbordar em sapiência divina - "... em toda a sabedoria e..." - A sabedoria divina é contrária à sabedoria humana (1Co 2.4-6) "É o mistério de Deus em Cristo" (1Co 2.7). A sabedoria cultivada neste mundo promove inveja e facção (Tg 3.14). É uma sabedoria terrena, animal e diabólica (Tg 3.15), que só traz perturbação para a obra de Deus. Devemos transbordar com a sabedoria que vem do alto, pois é pacífica, moderada, tratável, cheia de misericórdia e de bons frutos (Tg 3.17). Só é encontrada em Jesus Cristo.

3. Devemos transbordar em: "... inteligência espiritual" - Trata-se de um desenvolvimento mental espetacular em Cristo. É a mente de Cristo no lugar da nossa, que foi envenenada pelo pecado (1Co 2.16). A renovação da nossa mente é imprescindível para chegarmos à condição de crentes inteligentes espirituais. "E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento (mente)" (Rm 12.2).

II – PROGREDINDO NA MANEIRA DE AGIR

As nossas ações definem bem o que somos e mede bem o tamanho e a profundidade da nossa comunhão com o Senhor. Convenhamos que ainda se trata de uma intimidade pequena e rasa. Isto porque as nossas ações são movidas pela religiosidade aparente e não pela vida dinâmica de Jesus em nós. O que devemos fazer?:

1. Adaptar-se à maneira do Senhor - "para que possais andar dignamente diante do Senhor..." (v. 10a) - Andar dignamente diante do Senhor é o mesmo que manter uma mentalidade cristã sadia; caminhar em caminhos firmes segundo a Palavra do evangelho (Sl 119.105); ter as mãos ocupadas na obra de Deus e um semblante alegre e reluzente pela presença do Espírito Santo e do Senhor da glória. Devemos nos moldar segundo a vontade de Deus e não o contrário. Não se trata de ser crente "camaleão", ou seja, assumir o caráter conveniente aos nossos interesses. Antes devemos andar dignamente diante do Senhor e isto exige intimidade com Ele.

2. Deleitar-se no que lhe agrada - "... agradando-lhe em tudo..." (v. 10b) - Quando formos ao Senhor com atitude de entrega total para nos aprofundar em comunhão com Ele, perceberemos que o Seu grande amor torna as coisas deste mundo em insignificante efemeridade. Se o nosso prazer for realmente fazer a vontade do Senhor, então nada mais tomará Seu lugar em nossas vidas. Foi por isto que Agostinho afirmou: "Ame e então faça o que quiser". Quem ama o Senhor, só tem um desejo: Agradar-lhe em tudo. É quando deixamos de desejar as coisas que podem ofender aquele a quem amamos: "Se me amardes, guardareis os meus mandamentos" (Jo 14.15). E então, pedireis o que quiserdes e vos dará, quando amardes ao Senhor de todo o coração.

3. Expressar em atitudes a vida do Senhor em nós - "... frutificando em toda boa obra e crescendo no conhecimento de Deus" (v. 10c) - Percebe-se a diferença entre o religioso falador e o cristão frutífero. O primeiro se escusa diante da oportunidade de fazer o bem e se acomoda no fraco conhecimento que tem de Deus. Seus dogmas, conceitos e tabus, muito lhe agradam. Está satisfeito e não pretende mudar. O segundo dá fruto na estação própria (Sl 1.3), tem sede de conhecer ao Senhor e persiste neste empreendimento (Os 6.3).

III – PROGREDINDO NA MANEIRA DE SER

Às vezes nos achamos tão atarefados em coisas desta vida que perdemos a razão do cristianismo. Tornamo-nos apenas religiosos vestidos de uma portentosa "capa de fariseu". Cegos como o Bartimeu, ficamos a esmolar e comer das migalhas do cristianismo, como os "cachorrinhos" debaixo da mesa. Eis o que está ao nosso dispor:

1. Somos cristãos fortes no Senhor - "corroborados em toda a fortaleza, segundo a força da sua glória, em toda a paciência e longanimidade, com gozo" (v. 11) - "Corroborados em toda fortaleza" é a experiência diária de receber de Deus a Sua própria vida. Nenhuma outra coisa ou poder poderá nos capacitar para vencer a carne, o Diabo e o mundo. A nossa fonte de rejuvenescimento é o próprio Senhor. A intimidade diária com Ele nos proporcionará este fortalecimento, segundo a força da sua glória, ou seja, da ressurreição e ascensão do Senhor glorificado.

2. Somos cristãos capacitados pelo Senhor - “dando graças ao Pai, que nos fez idôneos para participar da herança dos santos na luz” (v. 12) – Como explicar tanta demonstração de fraqueza na vida de alguns cristãos? Por que vivem uma vida medíocre se o Senhor nos fez capazes para participar das bênçãos concedidas a todos os santos? Tomemos posse desta herança. Demos graças constantemente a Deus. Irmãos está à nossa disposição o poder para viver uma vida completamente santa e vitoriosa, pois de Deus vem a nossa capacidade (2Co 3.5).

3. Somos cristãos possuidores do reino do Senhor - “Ele nos tirou da potestade das trevas e nos transportou para o Reino do Filho do seu amor” (v. 13) - A potestade das trevas se refere ao poder do Diabo e seus anjos caídos (Lc 22.53; Ef 2.2; 6.12). A nossa vida só tem sentido se for vivida em Cristo. Deus nos tomou à força, das garras de Satanás e nos fez habitar em Nele. Somos súditos no Reino do Senhor, portanto, vivamos como tal.

4. Somos cristãos comprados com o sangue do Senhor - “em quem temos a redenção pelo seu sangue, a saber, a remissão dos pecados” (v. 14) – Esta é a mais expressiva obra de Deus realizada para nós por meio de Cristo. A redenção é um resgate para quem era escravo dos vícios, do pecado, da morte e do Diabo. Ele quebrou as correntes e nos soltou, para sermos seus “escravos” livres. Foi pelo seu precioso sangue, pois deu-nos a própria vida no sangue, apesar de que declaradamente, éramos seus inimigos (Rm 5.6-10).

CONCLUSÃO: Vimos que o progresso espiritual depende do quanto conhecemos ao Senhor, com um conhecimento prático. Não se trata de teorias, mas de vivência com Ele. Depende de nos adequar à Sua vontade, demonstrando um forte amor por Ele. Assim estarem crescendo nas verdades espirituais e deixando para trás as coisas efêmeras deste presente século. Lembremo-nos de que a nossa força vem do Senhor e Ele já disponibilizou tal poder quando nos tirou do poder das trevas. Seu sangue nos garantiu e garante permanente morada Nele. Aceite meu irmão, tal condição e comece uma nova vida de intimidade com o Senhor.

LIÇÃO 3 - EXPERIMENTANDO PODEROSA RECONCILIAÇÃO, CL 1.15-23

INTRODUÇÃO: Como podemos entender a mensagem do evangelho de que um Deus soberano desceu da sua glória, para reconciliar “consigo mesmo”, homens pecadores e obstinados, se não for por meio da fé? Foi o que Ele fez, buscou-nos, salvou-nos e nos deu a paz. Paz com duplo sentido: Vertical, o homem com Deus; horizontal, entre os homens. Que paz maravilhosa! Podemos e devemos comungar com Ele, usufruindo gozo indizível. “Isto é, Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados, e pôs em nós a palavra da reconciliação” (2Co 5.19). Veremos nesta lição que a reconciliação efetuada pelo Senhor foi baseada no Seu próprio poder, amor e graça:

I – ESTA RECONCILIAÇÃO BASEIA-SE NO PODER DO CRIADOR DE TODAS AS COISAS

Já vimos nas lições anteriores, que o crente está legalmente posicionado em Cristo e, pela comunhão íntima com Ele deve progredir espiritualmente. Veremos, ainda, que o privilégio da reconciliação não foi conquistado pelos homens por meio de indulgências, mas pela iniciativa e favor de Deus, operadas em Cristo Jesus, que quer congregar em Nele todas as coisas (Ef 1.10).

1. Jesus Cristo é a representação visível do Deus invisível na criação - “o qual é imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação” (v. 15) - Colossenses é a epístola que melhor descreve a glória eterna o Filho de Deus preexistente; onipotente; exaltado e eterno, mas que tabernaculou para aproximar definitivamente a criatura do Criador. Ele é a representação visível do Deus invisível. Não é mera cópia, mas a manifestação visível e reveladora com perfeição do próprio Deus. Ele é a exata expressão de Deus (Hb 1.3). Como primogênito Ele tem a prioridade de posição, pois Nele tudo foi criado (Jo 1.3; 10).

2. Jesus Cristo é o sustentador de todas as coisas - “porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis... tudo foi criado por ele e para ele. E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele” (vv. 16,17) – Antes de existir qualquer coisa criada, Ele já existia na eternidade, é, portanto, a substância, parte real, e essencial, da criação (At 17.25), “porque nele vivemos, e nos movemos, e existimos...” (At 17.28a). Esta é a maior prova do Seu poder em conservar em harmonia a existência e funcionalidade de todas as coisas criadas (Hb 1.3). “Exalta-te, Senhor, na tua força; então, cantaremos e louvaremos o teu poder” (Sl 21.13).

3. Jesus Cristo ocupa lugar de preeminência - “E ele é a cabeça do corpo da igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência” (v. 18) - A preeminência de

Jesus pode ser percebida em toda existência. A Igreja como Corpo do Senhor, deve proclamar eficazmente a primazia de Cristo e fazê-la conhecida dos homens. Isto só é possível por meio do “ajustamento do corpo”. Ou seja, pela união dos membros num só exercício de fé, expressando responsabilmente as qualidades do Senhor.

II – ESTA RECONCILIAÇÃO SE BASEIA EM DOIS EXTREMOS DA MANIFESTAÇÃO DE AMOR

Os dois extremos da manifestação do amor do Senhor podem ser notados quando percebemos que Ele, como o Filho divino é portador absoluto da deidade, mas ao mesmo tempo, como homem, extravasou sua alma no vitupério sangrento da cruz.

1. A totalidade da natureza divina estava em Cristo - “porque foi do agrado do Pai que toda a plenitude nele habitasse” (v. 19) - Plena deidade foi-lhe conferida, pelo fato Dele estar em forma humana. O Salvador bendito é “Deus conosco”, “porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Cl 2.9). Foi este Deus quem nos reconciliou poderosamente, porque quer ter comunhão com a sua criação.

2. A totalidade do sacrifício altruísta se manifestou em Cristo - “e que, havendo por ele feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra como as que estão nos céus” (v 20) – O outro extremo foi deixar a Sua glória para assumir a nossa ingloria. Veja, pelo texto, que não dependeu de nada no universo criado, para efetuar a reconciliação. Mas Ele o fez por meio da cruz. Os termos assim o indicam: Foi “por ele”, “pelo seu sangue”, “da sua cruz”, “por meio dele”, “consigo mesmo”. “Porque há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem” (1Tm 2.5).

III – ESTA RECONCILIAÇÃO BASEIA-SE NA IMENSURÁVEL MANIFESTAÇÃO DA SUA GRAÇA

A reconciliação efetuada por Deus em Cristo, só encontra explicação na poderosa graça de Deus. Nada mais pode explicar ou entender porque Ele quis que fosse assim. Só sabemos que é motivo de muita gratidão. “E não somente isto, mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual agora alcançamos a reconciliação” (Rm 5.11).

1. A graça de Jesus Cristo buscou salvar seus inimigos - “A vós também, que noutra tempo éreis estranhos e inimigos no entendimento pelas vossas obras más, agora, contudo, vos reconciliou” (v. 21) – A reconciliação proporcionou meio de aproximar o pecador, que estava longe por causa do pecado, do Deus Santo. Com a queda do primeiro homem Adão, seguiu-se a mortandade (Rm 5.12), a raça humana perdeu a imagem gloriosa do Seu Criador (Rm 3.23), entregou-se a um estado mórbido de desobediência, tornando-se inimigo de Deus. A reconciliação é um resgate sem precedentes, que mostra claramente a força da graça do Senhor em fazer bem, mesmo àqueles que só merecem a ira divina. “... onde o pecado abundou, superabundou a graça” (Rm 5.20).

2. A graça de Jesus Cristo proveu recursos suficientes para nos fazer semelhantes a Ele - “no corpo da sua carne, pela morte, para, perante ele, vos apresentar santos, e irrepreensíveis, e inculpáveis” (v. 22) – A morte de Cristo representa mais do que uma ação para nos salvar. Na sua morte nos levou consigo, para também nos trazer no poder da sua ressurreição, e assim, nos apresentar semelhantes a si mesmo: “Santos, irrepreensíveis e inculpáveis”. Trata-se de uma obra completa. Primeiramente nos salvou, depois nos levou a renunciar à impiedade e às concupiscências mundanas, enquanto aguardamos “a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo” (Tt 2.11-13).

3. A graça de Jesus Cristo nos trouxe fundamento do qual não devemos nos mover - “se, na verdade, permanecerdes fundados e firmes na fé e não vos moverdes da esperança do evangelho que tendes ouvido...” (v. 23) – O cristão, uma vez que abraçou as graças do evangelho de Deus, não deve deixá-lo jamais. Voltar ao pecado está fora de cogitação, pois estamos mortos e crucificados com Cristo. “E o mundo passa, e a sua concupiscência; mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre” (1Jo 2.17).

CONCLUSÃO: Que obra poderosa o Senhor realizou por nós pecadores, dignos de condenação como éramos. Ele nos reconciliou consigo mesmo. Temos acesso irrestrito à presença do Pai, pois não somos mais seus inimigos. Não era assim no passado: “naquele tempo, estáveis sem Cristo... não tendo esperança e sem Deus no mundo” (Ef 2.12). Foi pelo sangue de Jesus, meu irmão, que chegamos perto (Ef 2.13). Ele é a nossa paz bendita! Nosso benfeitor que “matou as inimizades” (Ef 2.14; 16) e nos fez concidadãos da família de Deus (Ef 2.19).

LIÇÃO 4 - COMPREENDENDO O MISTÉRIO REVELADO, CL 1.24-29

INTRODUÇÃO: Há uma peculiaridade no cristianismo que o diferencia e distancia das religiões e filosofias que enchem o mundo. É que os ensinamentos transmitidos aos cristãos emanam do próprio Deus. Ele revela “aos santos”, e somente a estes, os mistérios ocultos aos pagãos. Todavia, não são muitos os que recebem as revelações mais profundas do Senhor, pois o pré-requisito, santificação, inexistente para muitos, além do mais é exigida uma íntima comunhão com o Senhor para que nos sejam desvendados seus desígnios. Veremos nesta lição o procedimento exigido para que possamos compreender o mistério revelado.

I – SÓ PODE SER COMPREENDIDO COM UMA ATITUDE DE SACRIFÍCIO

Uma atitude de sacrifício é uma disposição para aceitar o sofrimento por Cristo. Quando o amor de Deus aumentar em nós, e em nós se manifestar um forte amor para com o Senhor, então estaremos dispostos a qualquer sacrifício para agradá-lo.

1. Devemos sentir alegria em sofrer aflições por Cristo - “Regozijo-me, agora, no que padeço por vós e na minha carne cumpro o resto das aflições de Cristo, pelo seu corpo, que é a igreja” (v. 24) - “As aflições de Cristo” são o custo para quem quiser viver piamente neste mundo (2Tm 3.12; Tt 2.12). Não se trata de masoquismo e sim, do sofrimento imposto pelo próprio Deus para disciplina do cristão e glorificação do Seu nome. Portanto, uma vida íntima com o Senhor permite, mesmo na escassez, nas doenças ou perseguições por causa de Cristo, regozijar (Mt 5.11,12; Fp 4.4).

2. Devemos sentir prazer em cumprir cabalmente a Palavra de Deus - “da qual eu estou feito ministro segundo a dispensação de Deus, que me foi concedida para convosco, para cumprir a palavra de Deus” (v. 25) – A dispensação é a gerência e a mordomia das graças divinas, da qual todos nós somos participantes (1Co 9.17). Para o cristão que tem intimidade com o Senhor, a proclamação da Palavra passa a ser uma satisfação. O cristão é um despenseiro das bênçãos das boas novas, dadas por Deus. O mundo não as conhece. Portanto, somos todos “ministros despenseiros” para distribuir o pão celestial aos que tem fome.

II – SÓ PODE SER COMPREENDIDO POR MEIO DE DISCERNIMENTO ESPIRITUAL

Deus colocou no homem um espírito para fazê-lo compreender as coisas espirituais que se discernem espiritualmente (1Co 2.14). Uma vez que o Espírito Santo habita no nosso interior, em conexão com o nosso espírito, é ali que o Senhor revela os seus desígnios.

1. Foi manifesto aos santos no espírito - “o mistério que esteve oculto desde todos os séculos e em todas as gerações e que, agora, foi manifesto aos seus santos” (v. 26) - O “mistério” revelado aos santos contrasta com as “religiões de mistério”, gregas, que praticavam ritos secretos. Ainda temos exemplos hoje no Gnosticismo, na Maçonaria, nas aparições angelicais, nos arrebatamentos etc. Cristianismo é simplicidade. Todos os ensinamentos sofisticados, que a maioria dos crentes, principalmente os mais humildes, não podem compreender são, na verdade, invenção de homens. São ensinamentos elaborados para “encantar” as pessoas e fazê-las submissas ao portador de tais ensinamentos (Cl 2.8). O que foi manifesto aos santos, por Deus, qualquer crente nascido de novo, pode concebê-lo (1Co 2.10-15).

2. Foi manifesto ricamente pelo próprio Deus - “aos quais Deus quis fazer conhecer quais são as riquezas da glória deste mistério entre os gentios, que é Cristo em vós, esperança da glória” (v. 27) – Afinal o que é este mistério revelado? É a gloriosa mensagem que já recebemos de Deus e que anunciamos a todos os homens. É Cristo habitando nos gentios por meio do Espírito Santo, garantindo a glória do céu (Ef 3.6). É a verdade espiritual oculta aos incrédulos, mas revelada aos crentes. “Cristo em vós”, ou seja, Cristo em nós e entre nós. Não há segredo nisso, há não ser para aqueles que nunca experimentaram a vida do Senhor e, também, para os crentes que não têm intimidade com o Senhor.

III – SÓ PODE SER COMPREENDIDO POR MEIO DA EXPERIÊNCIA PRÓPRIA

Todos os itens que compõem o cristianismo só são compreendidos perfeitamente, quando processados, no espírito do homem, pela atuação do Espírito Santo. Mas, também, esta revelação espiritual precisa se tornar prática para nós. Deve fazer parte da nossa experiência de vida diária, para que encontremos seu verdadeiro sentido.

1. Precisamos experimentar as mudanças até atingir a perfeição em Cristo - “a quem anunciamos, admoestando a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria; para que apresentemos todo homem perfeito em Jesus Cristo” (v. 28) - A contribuição de cada cristão é anunciar a Cristo e

combater os erros doutrinários para que nenhum dos irmãos se perca. Proclamar a vontade de Deus a qualquer custo e contribuir para que todos os filhos de Deus tenham condições de se apresentarem perante Deus. Os gnósticos ensinavam que somente os “iluminados” poderiam alcançar a perfeição, que se dava por meio de uma sabedoria e poder especiais, da qual afirmavam estar cheios. O evangelho contraria esta idéia humanista. A mensagem é para todo homem e é universal. Perfeição só em Jesus Cristo (Ef 4.13).

2. Precisamos experimentar o poder divino operando em nós - “e para isto também trabalho, combatendo segundo a sua eficácia, que opera em mim poderosamente” (v. 29) – Não podemos ignorar a realidade de que o Senhor habita em nós e age em nós “poderosamente” a fim de nos aperfeiçoar. Se estamos estáticos é por que não temos comunhão com o Senhor e nem nos deixamos ser trabalhados por Ele.

CONCLUSÃO: Vimos que o “mistério” já não é mistério mais, pois o Senhor revelou seu segredo aos que lhe obedecem e comungam com Ele diariamente. Você pode ter intimidade com o Senhor e conhecer os seus segredos, já que tais segredos foram revelados a todos os “Santos”. Você é um santo? Goza de íntima comunhão com o Senhor? Procura vivenciar as experiências maravilhosas que Ele te dá? Irmãos, este é o mistério revelado aos filhos de Deus: “... Cristo em vós, esperança da glória” (v. 27). Experimente esta esperança e goze desta glória em Cristo.

LIÇÃO 5 - APROFUNDANDO EM COMUNHÃO COM O SENHOR, CL 2.1-10

INTRODUÇÃO: As lições estudadas até aqui procuraram mostrar que o âmago do cristianismo é a comunhão com o Senhor. Sendo assim, podemos gastar todo o nosso tempo em afazeres “religiosos”, viver todos os anos da nossa vida entregues às práticas consideradas eticamente corretas, mas se não nos lançarmos, Nele, de espírito alma e corpo, não poderemos afirmar que vivenciamos o cristianismo. A figura do cristão desejoso de uma vida íntima com o seu Senhor é revelada no Salmos 42.1: “Como o cervo brama pelas correntes das águas, assim suspira a minha alma por ti, ó Deus!” Como identificamos esta comunhão?

I – UMA COMUNHÃO PLENA EM OBJETIVOS

O cristianismo é uma religião de objetivos e seus ensinamentos são práticos e aplicáveis na nossa vida cotidiana, por isto pode contrapor às religiões mortas. Vejamos o que o apóstolo Paulo nos ensina a respeito da comunhão por meio da oração.

1. O grande combate da oração eficaz - “Porque quero que saibais quão grande combate tenho por vós, e pelos que estão em Laodiceia, e por quantos não viram o meu rosto em carne” (V. 1) – A oração não é mera repetição de palavras ou de frases decoradas, mas é o derramar do coração na presença do Senhor. O apóstolo Paulo se aplicava ao “grande combate” que é a vida de oração. É por meio dela que ele enfrentava e vencias as tentações e toda cilada do Diabo. O cristão precisa descobrir este tipo de oração, onde deixam de existir a formalidade e o egoísmo. “Grande combate” significa “guerra” contra as hostes infernais.

2. O grande objetivo da oração eficaz - “para que os seus corações sejam consolados, e estejam unidos em caridade e enriquecidos da plenitude da inteligência, para conhecimento do mistério de Deus-Cristo” (V. 2) – A oração do apóstolo tinha objetivos claros: O coração dos irmãos precisava sofrer mudanças radicais, numa entrega total a Cristo. Eles precisavam de “corações consolados”, “corações unidos em caridade”, “corações enriquecidos”. Precisamos aprender este tipo de oração, para abandonarmos de vez, a oração egoísta que só visa à matéria. “Pedis e não recebeis, porque pedis mal, para o gastardes em vossos deleites” (Tg 4.3).

II – UMA COMUNHÃO REPLETA DE REVELAÇÕES

Ter comunhão com o Senhor é permanecer na luz e crescer cada dia mais em conhecimento da sua vontade. Se estivermos satisfeitos com o pouco que temos, então nos acomodaremos nisto e jamais iremos descobrir as riquezas escondidas em Jesus. Vejamos o que diz o texto:

1. Os tesouros do Senhor estão expostos aos cristãos - “... em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência” (V. 3) - Os gnósticos se orgulhavam nas doutrinas secretas que eram negadas aos que iniciavam na seita. O objetivo do apóstolo foi o de mostrar que toda verdadeira sabedoria está oculta em Cristo e é acessível a todos que estiverem Nele. “Todos os tesouros”. Refere-se às coisas espirituais, que o homem natural não pode encontrar. No entanto, o cristão tem o Espírito

Santo dentro de si, logo pode encontrar, desde que esteja disposto a concentrar seus esforços na busca para receber mais do Senhor.

2. Os enganos sedutores do mundo tentam iludir os cristãos - “E digo isto para que ninguém vos engane com palavras persuasivas” (V. 4) – Sempre que o filho de Deus fizer propósito de servir ao Senhor de todo coração e dedicar tempo em oração e meditação na Palavra de Deus, surgirão àqueles que tentarão desviar sua atenção do alvo que é Jesus (Hb 12.2). As palavras “persuasivas” são “conversas vigorosas” para iludir e seduzir. Causa fascínio, enfeitiça, encanta (Gl 3.1). Dando atenção a este tipo de ensino o cristão deixa de aprofundar-se em comunhão com Jesus e sai em busca das promessas ilusórias. Infelizmente a maioria dos cristãos não é íntima do seu Senhor, porque estão embaraçados com as coisas desta vida (Hb 12.1).

3. A profunda relação de cuidado entre os cristãos - “Porque, ainda que esteja ausente quanto ao corpo, contudo, em espírito, estou convosco, regozijando-me e vendo a vossa ordem e a firmeza da vossa fé em Cristo” (V. 5) – Se há comunhão entre o cristão e Jesus Cristo, obrigatoriamente haverá entre os cristãos. O apóstolo pôde afirmar que estava comungando com os colossenses “em espírito”, isto por que ele sabia que a Igreja é o Corpo vivo de Cristo, logo todos os seus membros estão unidos “em espírito” no Espírito Santo. “Rogo-vos, porém, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que digais todos uma mesma coisa e que não haja entre vós dissensões; antes, sejais unidos, em um mesmo sentido e em um mesmo parecer” (1Co 1.10).

III – UMA COMUNHÃO PROFUNDA EM VIDA ESPIRITUAL

A falta de comunhão com o Senhor, ou uma comunhão superficial, explica a existência de tantos irmãos com dez, vinte ou mais anos de conversão, e embaraçados em um monte de dogmas e costumes, sem demonstração nenhuma de crescimento espiritual. O grande mal de tudo isto é que pessoas enquadradas neste tipo de ortodoxia se tornam intransigentes em relação a tudo quanto é novo; não aceita novos princípios ou novas idéias.

1. Experimentando todos os benefícios encontrados no Senhor - “Como, pois, recebestes o Senhor Jesus Cristo, assim também andai nele, arraigados e edificados nele e confirmados na fé, assim como fostes ensinados, crescendo em ação de graças” (vv 6,7) - A palavra “arraigados” (enraizados), descreve um estado no presente, que demonstra uma ação esforçada no passado. O significado é “tendo sido enraizados”. Ou seja, o crente é hoje, o que ontem ele se esforçou para ser. A idéia é de progresso contínuo, por isso o uso de figuras: “Andai”, (caminhar por fé Nele). “Arraigados”, (enraizados como uma planta Nele). “Edificados”, (fundado em Cristo como um edifício). “Confirmados”, partindo rumo à perfeição (Fp 3.12). Só podemos ser edificados se já estivermos enraizados Nele. (Sl 1.3). Conseqüentemente cresceremos também em “ação de graças”, contínua e progressivamente. Podemos usufruir todos os benefícios da Sua vida em nós, como a criança que não precisa de esforço para amamentar, mas apenas engolir o que lhe é oferecido. Assim, é a nossa relação com Cristo em nosso espírito (Jo 15.1-5).

2. Rejeitando todos os rudimentos que não fazem parte do Senhor - “Tende cuidado para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo e não segundo Cristo” (v. 8) - A crença helenista era de que os rudimentos do mundo (terra, ar, fogo e água), estavam numa dimensão espiritual ou angelical. É provável que os ensinamentos heréticos hoje, acerca de anjos, de prosperidade material, de bem estar físico, tenha surgido a partir destas idéias filosóficas gregas infiltradas na religião judaica. Cuidado com a atenção exagerada ao corpo, isto pode impedir a nossa intimidade com Cristo. Filosofias e sutilezas se referem ao raciocínio humano, compreensão segundo a alma e não segundo o espírito humano em conexão com o Espírito Santo. Refere-se às tradições humanas; noções rudes e elementares; conceitos mundanos.

3. Permanecendo no Senhor - “porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade. E estais perfeitos nele, que é a cabeça de todo principado e potestade” (v 9,10) - A plenitude de Deus em Cristo é a totalidade da natureza divina manifestada Nele. Somos fortes porque o Senhor é a nossa fortaleza (Sl 46). Brilhamos porque Ele é a nossa luz (Jo 8.12). Mas seremos sempre servos e infinitamente inferiores a Ele, porque a luz do sol ofusca o das estrelas, pois é superior.

CONCLUSÃO: Podemos e devemos gozar de íntima comunhão como o Senhor. Ele quer esta comunhão com a sua criação, como vimos em lição passada. Precisamos nos aprofundar em comunhão com o Senhor como a árvore que cria raízes no solo para se sustentar e de lá, tirar todos os recursos que o solo lhe oferece para crescer forte e cheia de frutos. Você quer abandonar seus próprios conceitos e tradições religiosas, que tem estado sobre os seus ombros como fardo pesado e começar

um novo relacionamento com Jesus? Faça isto agora, aceite as condições de uma vida rica com o Senhor.

LIÇÃO 6 - VIVENCIANDO O PERDÃO, CL 2.11-15

INTRODUÇÃO: Vivenciar o perdão é vivê-lo; senti-lo; capta-lo em profundidade. Há necessidade de que tomemos posse deste grande benefício divino, pois a falta de perdão ou a falta de vivenciá-lo nos leva conseqüentemente ao fracasso espiritual. É bom lembrar, que a falta do perdão gera em nós muitas enfermidades psicossomáticas. Esta lição nos mostrará a necessidade, os meios e os resultados do perdão que Deus legou-nos por Jesus Cristo.

I – A NECESSIDADE DE SE OBTER O PERDÃO

Somos conscientes do quanto precisamos do perdão de Deus, pois é o restabelecimento da amizade entre as partes. Deus perdoa os nossos pecados porque Jesus pagou por eles (Ef. 1.7), mas nos perdoa na medida em que nós perdoamos os que nos ofendem (Mt 6.12). Qual era, então, a nossa situação e qual é a nossa necessidade do perdão?

1. Estávamos potencialmente mortos - “E, quando vós estáveis mortos nos pecados e na incircuncisão da vossa carne, vos vivificou juntamente com ele...” (v. 13a) - Sabemos que o pecado entrou no mundo por um homem, o primeiro Adão. E que a causa básica foi a desobediência (Gn 2.16,17; 3.1-13). O homem e a mulher pecaram deliberadamente contra Deus, tornando-se seus inimigos. O juízo divino caiu sobre eles, lhes imputando a morte, visto que o salário de pecado é a morte (Rm 6.23). O homem e a mulher foram envenenados e seus descendentes já nascem envenenados também (Sl 51.5; Rm 5.12). Todos nós estávamos nesse contexto. Nascemos mortos no pecado. Não é uma questão de obedecer a doutrinas ou de largar vícios. Estávamos miseravelmente mortos no pecado.

2. Estávamos presos em várias ofensas - “... perdoando-vos todas as ofensas” (v. 13b) – Depois de envenenados, passamos a cometer toda sorte de pecados, pois a natureza pecaminosa se apegou a nós. Precisava agora que um justo anulasse o efeito do veneno com um antídoto. Ou seja, se o pecado veio pela desobediência a cura teria de vir pela obediência. “Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim, pela obediência de um, muitos serão feitos justos” (Rm 5.19). Não podendo vencer a própria natureza pecaminosa, o homem se entregou a ela totalmente. “Em que, noutro tempo, andastes, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que, agora, opera nos filhos da desobediência; entre os quais todos nós também, antes, andávamos nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como os outros também” (Ef 2.2-3).

II – OS MEIOS PELOS QUAIS PODEMOS OBTER O PERDÃO

O pecado entrando no mundo contaminou toda raça humana, como vimos no primeiro tópico desta lição. Daí a necessidade de perdão para todos. Como conseguiremos ser perdoados, nós indignos pecadores, obstinados de coração?

1. Pela morte de Jesus Cristo - “No qual também estais circuncidados com a circuncisão não feita por mão no despojo do corpo da carne: a circuncisão de Cristo” (v. 11) – A “circuncisão de Cristo” se refere a Sua morte. As Escrituras afirmam que: “É ele que perdoa todas as tuas iniquidades e sara todas as tuas enfermidades” (Sl 103.3). Não só perdoa, mas sara. Porque em muitos casos, a doença tem origem na culpabilidade de uma mente condenada. A Palavra eterna nos garante que Jesus foi ferido, moído e castigado, conseqüentemente obtivemos paz e cura (Is 53.5). Compensa viver inteiramente para o Senhor Jesus.

2. Pela identificação do crente com a morte de Jesus Cristo - “Sepultados com ele no batismo, nele também ressuscitastes pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dos mortos” (v. 12) – Apesar do perdão de Deus ser acessível a todos os homens e a forma de obtê-lo ser muito simples, não podemos esquecer que há alguns requisitos para cumprirmos a fim de gozarmos dele:

a) Aplicando fé em Jesus Cristo - “A este dão testemunho todos os profetas, de que todos os que nele crêem receberão o perdão dos pecados pelo seu nome” (At 10.43);

b) Demonstrando sincero arrependimento - “Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados...” (At 3.19);

c) Fazendo confissão de todos os pecados – “Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (1Jo 1.8,9);

d) Identificando-se com Jesus na sua morte - Na nova aliança a circuncisão foi substituída pelo batismo nas águas. A identificação do cristão com o seu Senhor é feita reconhecendo que estamos mortos à semelhança da morte de Jesus e que ressuscitamos na semelhança da sua ressurreição (Rm 6.3-11);

e) Repassando ao nosso semelhante – O que recebemos de graça devemos dar gratuitamente (Mt 10.8). Uma das coisas que recebemos de graça foi o perdão. Portanto, devemos liberá-lo a quem nos ofender. “Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós. Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai vos não perdoará as vossas ofensas” (Mt 6.14,15). Só há perdão efetivo se mantivermos comunhão com os nossos irmãos (1Jo 1.7).

III – OS RESULTADOS PARA QUEM OBTVEVE O PERDÃO

“Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse; mas, onde o pecado abundou, superabundou a graça” (Rm 5.20). Este foi o resultado do perdão que Deus nos proporcionou por meio de Jesus Cristo. Este é o remédio que o Senhor providenciou para curar nossas feridas de transgressão e nos dar vida abundante. Sendo assim:

1. O Senhor nos livrou das antigas ordenanças - “Havendo riscado a cédula que era contra nós nas suas ordenanças, a qual de alguma maneira nos era contrária, e a tirou do meio de nós, cravando-a na cruz” (v. 14) - A cédula é um contrato escrito de obrigação de guardar a Lei junto com a penalidade pronunciada contra aqueles em falta (Gl 3.13). Jesus cumpriu a Lei cabalmente por nós e nos oferece perdão gratuitamente. O Senhor tirou o pesado fardo do faz e não faz; do pode e não pode; do toque e não toque, cravando-o na cruz em testemunho para o universo inteiro de que Nele fomos perdoados.

2. O Senhor nos fez contemplar o Seu triunfo - “E, despojando os principados e potestades, os expôs publicamente e deles triunfou em si mesmo” (v. 15) – O brado de Jesus: “Está consumado” (Jo 19.30), não foi uma expressão de derrota como se tivesse perdido a batalha. Pelo contrário, foi brado que ecoou nos céus, na terra e no inferno. Foi o grito triunfal de Jesus: “Eu glorifiquei-te na terra, tendo consumado a obra que me deste a fazer” (Jo 17.4). E foi assim que, “sendo ele consumado, veio a ser a causa de eterna salvação para todos os que lhe obedecem” (Hb 5.9).

CONCLUSÃO: Esta é a maior das maravilhas que o evangelho apresenta a todos os homens. Podemos ser perdoados e livres de todos os nossos pecados. Estávamos mortos, em ofensas e transgressões, mas Ele nos deu copiosa vida, perdoando as nossas culpas. As ordenanças se impunham sobre nossos ombros, por isso andávamos encurvados ante o peso da Lei, mas o Senhor Jesus cravou-a na cruz, em sinal de vitória e como prova de que podemos ser perdoados para perdoar também. “Mas contigo está o perdão, para que sejas temido” (Sl 130.4).

LIÇÃO 7 - LIBERTANDO-SE DOS RUDIMENTOS DO MUNDO, CL 2.16-23

INTRODUÇÃO: Vimos na lição passada que o perdão abrange libertação das ordenanças, as quais não tínhamos a menor condição de obedecer, pois estávamos mortos espiritualmente. Romanos 8.3, diz: “Porquanto, o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne”. Nesta lição queremos mostrar que não precisamos e nem devemos mais observar os rudimentos do mundo, que não têm virtude alguma, pois já morremos para o mundo.

I – OS RUDIMENTOS DO MUNDO EM OPOSIÇÃO À VIDA CRISTÃ

Os rudimentos do mundo são tipos de ordenanças que o próprio homem criou como forma de mitigar a culpa que o atormenta. É uma tentativa de aliviar a culpa impondo sobre si mesmo um peso insuportável como desencargo de consciência.

1. O mundo julga tudo baseado nas aparências - “Portanto, ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa dos dias de festa, ou da lua nova, ou dos sábados” (v. 16) – Os religiosos da época de Paulo exageravam na observância de regimentos externos, tais como festas e jejuns, luas novas e sábados. Cuidavam de uma santificação exteriorizada. Eram “santos” só na aparência. Estes rudimentos escravizam como se fosse um vício. As pessoas passam a viver em prol destes costumes,

servem-nos como sendo deuses. Em Gálatas 4.8-11, o apóstolo diz: “Mas, quando não conhecíeis a Deus, serviéis aos que por natureza não são deuses. Mas agora, conhecendo a Deus ou, antes, sendo conhecidos de Deus, como tornais outra vez a esses rudimentos fracos e pobres, aos quais de novo quereis servir? Guardais dias, e meses, e tempos, e anos. Receio de vós que haja eu trabalhado em vão para convosco”.

2. O mundo tem todos os seus critérios de vida apoiados em sombras – “que são sombras das coisas futuras, mas o corpo é de Cristo” (v. 17) – O cristão que tem pouca ou nenhuma comunhão com o Senhor, acaba se prendendo em coisas secundárias, desprezando as primordiais. Crê mais em simbologias do que no real. Por exemplo, acredita que o enfermo pode ser curado com a aplicação do azeite (símbolo do Espírito Santo), mas não crê que será curado, apenas com a realidade da oração fervorosa de um cristão cheio de Espírito Santo. Crê que seus pecados foram queimados, simbolicamente, na fogueira, mas não acredita na Palavra real de Deus, que promete perdoar a quem, simplesmente, confessar. Ele precisa ver para crer. A liberdade do cristão, em relação aos rudimentos do mundo é condicionada à profundidade da sua relação íntima com Cristo o Cabeça, e como membro, com a igreja. Pouca intimidade com Jesus, muita intimidade com o mundo.

3. O mundo está alicerçado em falsas afirmativas – “Ninguém vos domine a seu bel-prazer, com pretexto de humildade e culto dos anjos, metendo-se em coisas que não viu; estando debalde inchado na sua carnal compreensão” (v. 18) - Os gnósticos davam importante lugar aos poderes do mundo espiritual, tal como o culto aos anjos, destituindo Cristo que por direito, ocupa tal lugar. Seus mestres falsos se vangloriavam de possuir filosofia superior. Eles possuíam uma humildade mal orientada e sustentavam uma forma exteriorizada de piedade e santidade, que só serve para promover o orgulho espiritual.

II – A VIDA CRISTÃ EM OPOSIÇÃO AOS RUDIMENTOS DO MUNDO

A vida cristã se traduz em simplicidade, e é rodeada dos favores de Deus. Somos enriquecidos dia após dia, pela presença de Jesus em nosso interior. Somos como a luz da aurora (Pv 4.18), hoje melhor do que ontem. Há progresso espiritual como vimos na lição 02. A nossa grande preocupação é a de não sermos levados pelo engano do mundo a ponto de nos afastarmos da simplicidade que há em Cristo Jesus (2Co 11.3).

1. O cristão está unido e ajustado ao Corpo de Cristo - “... da qual todo o corpo, provido e organizado pelas juntas e ligaduras, vai crescendo em aumento de Deus” (v. 19) – Em oposição aos fracos rudimentos do mundo, a Palavra do Senhor nos alimenta e nos fortalece. O nosso crescimento está estruturado no Corpo. É na Igreja, ouvindo o que os santos têm a dizer e obedecendo mutuamente uns aos outros, que vamos crescendo, em humildade e simplicidade, em Cristo (Ef 4.11-15).

2. O cristão está morto em relação aos rudimentos do mundo - “Se, pois, estais mortos com Cristo quanto aos rudimentos do mundo, por que vos carregam ainda de ordenanças, como se vivésseis no mundo, tais como: não toques, não proves, não manuseies?” (vv. 20,21) – O morrer com Cristo faz com que o vínculo com o pecado se desfaça (Rm 6) e quebra o laço que nos obriga a fazer a vontade das potestades das trevas, as quais Cristo conquistou. Somos livres para fazer o que quisermos, pois amamos ao Senhor com um amor tão forte que não desejamos fazer outra coisa que não seja a Sua vontade. Ninguém tem o direito de nos impor ordenanças do mundo, já que estamos mortos e os mortos não guardam mandamentos.

3. O cristão baseia seu modo de vida na doutrina de Deus - “As quais coisas todas perecem pelo uso, segundo os preceitos e doutrinas dos homens” (v. 22) – “As quais coisas perecem”, mas nós vivemos para Deus (Rm 14.8). Portanto, nossa bússola é a Palavra de Deus e não “doutrinas dos homens”.

4. O cristão se ocupa em verdades que enriquecem a sua vida espiritual - “as quais têm, na verdade, alguma aparência de sabedoria, em devoção voluntária, humildade e em disciplina do corpo, mas não são de valor algum, senão para a satisfação da carne” (v. 23) - Infelizmente, muitos cristãos não crescem espiritualmente, porque estão enlaçados por estes preceitos humanos. Existem, também, os que se detém em comportamentos éticos, em vãs filosofias, em fábulas e, passam horas discutindo tolices. Cuidam mais do corpo do que do espírito. Frequentam academias, praticam ioga, e todo tipo de exercício corporal e mental que trazem resultado proveitoso apenas para a carne, fazendo com que o crente fique cada vez mais, longe da intimidade de Cristo. Lindos por fora, feios por dentro. “Sepulcros caiados”.

CONCLUSÃO: Como acabamos de estudar na lição, precisamos nos libertar dos rudimentos deste mundo, que nos cerca, nos prende e nos impede de crescer espiritualmente. Já fomos libertos quando

morremos com Cristo e para o mundo. Estas ordenanças que não têm nenhum proveito, já não fazem sentido em nossas vidas. Irmãos procuremos manter comunhão com Jesus, e buscar as riquezas desta intimidade para que possamos nos livrar destes falsos conceitos, transitórios e efêmeros que existem neste mundo passageiro.

LIÇÃO 8 - VIVENDO A VIDA RESSURETA, CL 3.1-4

INTRODUÇÃO: O cristão está morto para o mundo e já deixou para trás todos os embaraços que no passado o impediam de conhecer a Deus e de ter íntima comunhão com o Criador. Vimos na lição anterior que o cristão que nasceu de novo não está mais preso às tradições deste mundo. Não precisa mais obedecer aos rudimentos fracos que o mundo impõe sobre ele. Nesta lição veremos que o crente que já experimentou a nova vida em Cristo, tem uma maneira peculiar de viver. Sua vida é caracterizada pela busca das coisas celestiais e não das terrenas.

I – O VIVER DIÁRIO PAUTADO NA VIDA EM RESSURREIÇÃO

“Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito” (Rm 8.1). O cristão que recebeu do Senhor vida nova, consegue alcançar o mais alto padrão de espiritualidade, porque vive numa outra dimensão, nas regiões celestiais em Cristo. Para o cristão que nasceu de novo, viver de maneira contrária a isto, é tão conflitante quanto a vida do “Patinho feio”. Portanto a vida ressurreta:

1. Acarreta para o cristão, experiência individual - “Portanto, se já ressuscitastes com Cristo...” (v. 1a) – O texto bíblico nos leva ao ponto máximo da vida cristã, todavia coloca uma condicional: “Se”. O cristão precisa ter plena certeza da vida vitoriosa em Cristo. Precisa vivenciar o poder do Senhor ressurreto em sua própria vida e demonstrar ações, palavras e pensamentos condizentes. Ninguém pode ressuscitar sem primeiro morrer. Se já ressuscitamos é porque já morremos para toda espécie de pecado conhecido e podemos encarnar esta realidade: “Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim” (Gl 2.20).

2. Acarreta para o cristão, mudança de alvo - “... buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à destra de Deus” (v. 1b) – Antigamente, as coisas do mundo tinham um significado todo especial para nós, pois a nossa vida era terrena. Viemos do pó da terra, portanto, estávamos apegados a tudo que era da terra. Muito natural este sentimento. Mas agora ressuscitamos e recebemos vida celestial, logo o nosso alvo é o céu. Recebemos a vida de Cristo, portanto, o nosso “cordão umbilical” está preso em Cristo no céu. O amor com que tanto nos apegamos aos bens terrenos no passado desvaneceu na cruz. Mudamos o nosso alvo da terra para o céu; dos bens materiais para os espirituais; da ambição das coisas desta vida pelas do porvir; da vida passageira para a vida eterna porque é lá que Jesus está (Rm 8.36; Ef 4.22-24). Não vivemos mais para ajuntar tesouros nesta terra, mas depositamos nosso tesouro nos céus (Mt 6.19,20; 2Tm 1.12).

3. Acarreta para o cristão, mudança de valores - “Pensai nas coisas que são de cima e não nas que são da terra” (v. 2) – Nós somos aquilo que pensamos que somos. É por isto que a Palavra do Senhor nos orienta a buscar em primeiro lugar uma renovação da nossa mente, para que todo o nosso ser mude também (Rm 12.2). A partir do momento em que nos conscientizar desta realidade, passaremos a pensar nas coisas que são de cima. O nosso comportamento deve ser pautado nas coisas do alto. O nosso “ponto de vista” é celestial. O nosso julgamento é espiritual (1 Co 2.12-16). A nossa ambição deve ser a de procurar descobrir e explorar as riquezas nas regiões celestiais em Cristo. Isto acontecerá quando pudermos afirmar de todo o coração: “... Tu és o meu Senhor; não tenho outro bem além de ti” (Sl 16.2). Paulo nos recomenda a pensar somente em coisas autorizadas pelos céus: “Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai” (Fp 4.8).

II – O VIVER DIÁRIO SUSTENTADO PELA VIDA EM RESSURREIÇÃO

O milagre da ressurreição nos trouxe uma vida vitoriosa. É nesta nova vida, em Cristo, que encontramos força para vencer a carne o mundo e o Diabo. Seremos sustentados por Jesus Cristo, enquanto permanecermos Nele (Rm 8.10,11). Vejamos, então, o que esta nova vida nos proporciona:

1. Conscientiza o cristão do seu novo estado quanto ao passado - “porque já estais mortos...” (v. 3a) – Que gloriosa afirmação da parte de Deus nosso Pai: “Já estais mortos”. Esta morte se refere ao aniquilamento do “velho homem”, do “corpo do pecado”, para que não sirvamos mais ao pecado (Rm

6.6). Este é o mais espetacular triunfo do cristão: Está separado do pecado e imune à sua força, visto que "... aquele que está morto está justificado do pecado" (Rm 6.7). É assim que "trazendo sempre por toda parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também em nossos corpos. E assim nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste também em nossa carne mortal" (2Co 4.10,11).

2. Conscientiza o cristão da sua nova posição quanto ao presente - "... e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus" (v. 3b) – No presente o Senhor nos deu o privilégio de gozar plena comunhão com Ele. O cristão pode ter profunda intimidade com o Seu Senhor. Assim como Moisés foi escondido na rocha, para poder contemplar a glória de Deus (Ex 33.18-23), da mesma forma, em Cristo, a nossa Rocha celestial (1Co 10.4), o Pai escondeu a nossa vida para contemplarmos, não uma glória transitória, mas a eterna (2Co 3.7-18). Deus nos resgatou com o sangue do Seu Filho (1Pe 1.18,19); nos revestiu de Jesus (Rm 13.14); nos selou com o Espírito Santo (Ef 1.13); e nos declarou propriedade exclusiva Sua (Êx 19.5; 1Pe 2.9). Em outras palavras: Somos Dele que já nos comprou; "embrulhou"; "lacrou"; e cobrou direitos autorais. E agora, quem poderá nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus? (Rm 8.31-39).

3. Conscientiza o cristão da sua nova recompensa quanto ao futuro - "Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então, também vós vos manifestareis com ele em glória" (v. 4) – Nosso futuro está garantido em Cristo Jesus, se permanecermos Nele em intimidade, esperando a sua vinda gloriosa, da qual faremos parte em grande triunfo. Cristo como a nossa vida, determina o grau de comunhão que mantemos com Ele. Demonstra o nosso forte amor dedicado ao foco central de nossas vidas, Cristo. "O seu falar é muitíssimo suave; sim, ele é totalmente desejável. Tal é o meu amado..." (Ct 5.16).

CONCLUSÃO: A vida em ressurreição é o maior triunfo do cristão. Com ela vencemos o pecado e a morte. Somos convidados a buscar as coisas de cima e pensar nelas, pois a nossa vida está escondida com Cristo em Deus. Você pode experimentar esta vida vitoriosa, desde que já tenha vivenciado a morte com Cristo e conseqüentemente a ressurreição com Ele. Se assim for, você já está morto para o pecado e para o mundo e vive para Deus. Quando Jesus se manifestar na Sua glória a Igreja se manifestará com Ele gloriosamente.

LIÇÃO 9 - MORTIFICANDO A CARNE, CL 3.5-11

INTRODUÇÃO: Se desejamos buscar ao Senhor para ter uma maior aproximação Dele, precisamos deixar a vida de pecado habitual. Se persistirmos em buscá-Lo sem abandonar todo mau caminho, não o acharemos, porque O estaremos buscando onde Ele não está. Esta lição pretende dar orientações a todos os filhos de Deus que querem ter intimidade com o Senhor. Veremos que a mortificação na vida diária do cristão é um mandamento, mas por causa dos meios simples que o Senhor disponibilizou para seus filhos, atender tal mandamento, se tornou em um forte estímulo:

I – RAZÕES PELAS QUAIS DEVEMOS ATENDER AO MANDAMENTO: "MORTIFICAÍ"

Somos salvos pela graça, por meio da fé (Ef 2.8). Isto pode parecer, à princípio, que a nossa salvação independe do nosso comportamento. No entanto, quando Deus salvou o homem, o fez com o propósito de, não somente livrá-lo da condenação eterna, mas também, de resgatá-lo do pecado e apresentá-lo apto para o seu serviço e para adoração. Talvez por causa deste pensamento na igreja romana é que Paulo argumentou: "... Permaneceremos no pecado, para que a graça seja mais abundante?" (Rm 6.1). E respondeu em seguida: "De modo nenhum! Nós que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele?" (Rm 6.2). Vejamos, então, a necessidade da mortificação:

1. Porque a natureza dos nossos membros sobre a terra, contrapõe a nova natureza celestial - "Mortificai, pois, os vossos membros que estão sobre a terra: a prostituição, a impureza, o apetite desordenado, a vil concupiscência e a avareza, que é idolatria" (v. 5) - O pecado de natureza sexual é: Prostituição – "porneia", que envolve todos os tipos de comportamentos sexuais ilícitos, incluindo desvios e aberrações (Rm 1.24-27). A impureza se refere à intenção imoral. A paixão revela sensualidade, luxúria e lascívia. A concupiscência é o desejo por algo proibido, mas que se persegue para satisfação de desejos carnis impetuosos. Por último, a avareza que é idolatria. Estas práticas se opõem às práticas do novo homem: "E vos revistais do novo homem, que, segundo Deus, é criado em verdadeira justiça e santidade" (Ef 4.24).

2. Porque vivendo segundo a carne nos tornamos alvo da ira divina - "pelas quais coisas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência" (v. 6) – A Palavra do Senhor nos adverte: Aquele que anda

nos desejos da carne satisfazendo a sua vontade, atrai para si a ira de Deus. Antes de conhecermos a Deus e de sermos salvos, praticávamos todos os desejos ilícitos da carne, por isto, “éramos por natureza filhos da ira” (Ef 2.3). Podemos definir o que queremos para a nossa vida. Podemos ser filhos de Deus ou “filhos da ira”. Dependendo das nossas práticas diárias.

3. Porque viver segundo a carne é próprio de quem nunca nasceu de novo - “nas quais também, em outro tempo, andastes, quando vivíeis nelas” (v. 7) – O pecado é coisa do passado (Rm 6.20,21); corresponde a um estado de ignorância (1Pe 1.14); indica a posição de escravos do pecado (Jo 8.34); revela a condição de pecadores inimigos de Deus (Rm 5.10). No entanto, hoje conhecemos ao Senhor e a sua Palavra, portanto, não justifica mais estas práticas. “Mortificai, pois, os vossos membros que estão sobre a terra”.

II – RAZÕES PELAS QUAIS SOMOS ESTIMULADOS A ATENDER AO MANDAMENTO: “MORTIFICAI”

Muitos cristãos enfrentam grandes dificuldades para viverem de forma vitoriosa sobre o pecado. É que eles tentam vencer a carne, fazendo resoluções e votos prometendo a Deus mudanças no comportamento. Apela para jejuns e para a força de vontade, mas antes mesmo de saírem do lugar de oração, já voltam a pecar. Veremos nos próximos itens a maneira bíblica de vencer o pecado:

1. Não temos que lutar contra a carne, mas apenas despojar dos seus feitos - “Mas, agora, despojai-vos também de tudo: da ira, da cólera, da malícia, da maledicência, das palavras torpes da vossa boca. Não mintais uns aos outros, pois que já vos despistes do velho homem com os seus feitos” (vv. 8,9) - Os pecados internos são a ira, a cólera e a malícia. Os externos são a maledicência, as palavras torpes e a mentira. No primeiro caso, se refere aos pecados que se manifestam em nossos sentimentos interiores e, o segundo, a pecados que se manifestam verbalmente. O texto diz que devemos nos despojar destes males do “ego”. Despojar é se desfazer das obras da carne. É se vestir de vestes brancas (Ap 3.4,5).

2. Não temos que martirizar o “velho homem”, apenas, num gesto simples, vestir-se do novo - “e vos vestistes do novo, que se renova para o conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou” (v. 10) - No argumento contundente do apóstolo, já nos vestimos “do novo” “que se renova”. É uma renovação contínua, fundamentada em novos conceitos e novas virtudes. Não é o abandono de alguns vícios e a aceitação de algumas virtudes. O novo homem é obra peculiar de Deus e segundo Ele “é criado em verdadeira justiça e santidade”. Paulo combate a santidade baseada no ascetismo (realização da virtude, por meio de exercícios de combate ao corpo). Por exemplo: Guardar costumes e combater as paixões da carne, por meio da mutilação do corpo, do autoflagelo e das resoluções. É um esforço que busca controlar as paixões carnis e é totalmente ineficaz. O correto é revestir-se de Cristo e despir-se de tudo que é contrário à sua vontade. A imagem de Deus é recriada no cristão pela aplicação da obra de Cristo em sua vida (2 Co 3.18). O novo homem é a própria personalidade do Senhor implantada no cristão pelo Seu Espírito.

3. Não temos que vencer a carne com a nossa força, pois Cristo é tudo em nós - “onde não há grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, servo ou livre; mas Cristo é tudo em todos” (v. 11) - Os povos bárbaros e citas eram considerados indomáveis, assim como a nossa natureza. A morte com Cristo na cruz e a união com Ele por meio do batismo, são verdades essenciais que fortalecem o cristão para “matar” o velho homem diariamente (Mc 8.34), como está escrito: “Por amor de ti somos entregues à morte todo o dia...” (Rm 8.36). Não existem no mundo inteiro desculpas para andarmos pecando, fazendo a vontade da carne e alimentando o nosso egoísmo, pois Cristo é tudo em e para nós. “E é por Cristo que temos tal confiança em Deus; não que sejamos capazes, por nós, de pensar alguma coisa, como de nós mesmos; mas a nossa capacidade vem de Deus” (2 Co 3.4,5). “Cristo não é absolutamente valorizado a menos que Ele seja valorizado acima de tudo” (Agostinho).

CONCLUSÃO: Vimos que a libertação das práticas mundanas e carnis é inteiramente possível, desde que estejamos dispostos a renunciar a nós mesmos. A mortificação é uma necessidade. Não podemos andar fazendo a vontade da carne, pois já nos despimos do “velho homem” e nos vestimos do “novo”, criado por Deus para andar em santidade. A mortificação não depende de esforço da nossa carne, mas da fé aplicada em Cristo que é tudo em todos. Graças a Deus que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo! (1Co 15.57).

INTRODUÇÃO: A prática das virtudes cristãs é a prova de que somos de fato cristãos nascidos de novo. O homem natural consegue imitar os dons espirituais, leva a efeito todos os costumes religiosos, mas não consegue ser misericordioso, benigno, humilde etc. Somente o cristão que já ressuscitou com Cristo, adquirindo a vida Dele, e aprendeu, pelos meios apresentados na lição passada, a mortificar a carne e a vida da alma (ego), estará aberto como um canal para expressar as virtudes de Cristo. Veremos nesta lição que as virtudes do crente devem fazer parte de um exercício sistemático, avaliadas e revigoradas constantemente:

I – ELAS DEVEM SER PRATICADAS SISTEMATICAMENTE

A sociedade determina os valores pelo que as pessoas têm e não pelo que são. O ter no lugar do ser. O crente mundano também enxerga assim. Ele diz: “Sou muito abençoado por Deus, pois possuo muitos bens”. No entanto, Jesus tem outra concepção: “a vida de qualquer não consiste na abundância do que possui” (Lc 12.25). O Senhor disse também, que o cristão é conhecido pelos frutos e não pelas suas riquezas (Mt 7.20). Quais são estas virtudes?

1. Devemos nos “vestir” com esta nova roupagem - “Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de entranhas de misericórdia, de benignidade, humildade, mansidão, longanimidade” (v. 12) - Depois de despir-se dos vícios nocivos e egoístas, o cristão é ordenado a vestir-se (encher-se) de virtudes, objetivando o bem estar do próximo. São as virtudes de Cristo aplicadas ao cristão. Fomos chamados para imitar a Cristo, portanto, devemos agir com o nosso semelhante da mesma maneira como Deus e Cristo agem para conosco. Os eleitos de Deus são santos, amados, misericordiosos, benignos, humildes, mansos e longânimos, todos os dias da sua vida.

2. Devemos suportar na mesma medida em que o Senhor nos suporta - “suportando-vos uns aos outros e perdoadando-vos uns aos outros, se algum tiver queixa contra outro; assim como Cristo vos perdoou, assim fazei vós também” (v. 13) – Já vimos na lição 06, que o perdão divino está condicionado ao quanto perdoamos o nosso semelhante. Há uma quantidade enorme de “cristãos” que não suportam as fraquezas do seu semelhante e nem perdoa suas faltas. Infelizmente estes pretensos cristãos não poderão herdar o reino de Deus, pois só existe um lugar reservado para os que não sabem perdoar (Ap 21.8). Estas práticas cristãs não são imposição absurda do Senhor sobre nós, pelo contrário, basta que permaneçamos Nele, pois dele fluirá a seiva do amor divino que nos levará a tolerar e perdoar (Ef 4.1-5; 1Jo 4.7-11; Jo 15.1-5).

II – ELAS DEVEM SER AVALIADAS CRITERIOSAMENTE

Devemos avaliar nossas virtudes cristãs para saber até onde de fato são cristãs. Visto que o nosso coração pode nos enganar, como tem enganado a muitos. Precisamos permanecer no Senhor, pois se nos afastarmos ainda que um pouquinho poderemos ser enlaçados pelos enganos do nosso “ego”. Vejamos como podemos aplicar os critérios de avaliação:

1. Só são virtudes cristãs as que são feitas em caridade - “E, sobre tudo isto, revesti-vos de caridade, que é o vínculo da perfeição” (v. 14) – Evidentemente que não receberemos galardão por tudo que fizemos, achando possuir a aprovação de Deus (1Co 3.13-15). Caim teve a sua oferta rejeitada (Gn 4.3-5); os ricos tiveram suas ofertas questionadas (Mc 12.41- 44); o louvor israelita foi criticado (Mc 7.6,7). Podemos ser cristãos inúteis mesmo falando línguas, profetizando, conhecendo mistérios, demonstrando grande fé, repartindo nossos bens com os pobres, sacrificando o nosso corpo em prol do nosso semelhante, se não for vinculado pelo amor de Cristo (1Co 13.1-3). Por vínculo entendemos tudo que ata, liga e aperta. Assim, só é virtude cristã aquela que está ligada por fortes laços do amor de Jesus Cristo em nós. Somente pela vida de intimidade com o Senhor podemos alcançar esta perfeição (1Co 13.4-8).

2. Só são virtudes cristãs as que conservam o coração em paz - “E a paz de Deus, para a qual também fostes chamados em um corpo, domine em vossos corações; e sede agradecidos” (v. 15) - As nossas ações precisam trazer alegria aos nossos corações. Se o que eu estou praticando traz amargura e um espírito “azedo”, é porque as minhas ações são egoístas e pecaminosas. O egoísta ama, mas precisa ser correspondido. Doa, mas quer receber dobrado. Quando não é correspondido seu coração fica triste e amargurado. O que praticamos só atende os critérios de Deus, se estivermos fazendo em Cristo e para honra e glória Dele. A paz dominando em nossos corações age como um “arbitro” (semelhante ao juiz de futebol que apita sempre que houver alguma inflação), controlando nossas ações. Viva de acordo com esta paz (Fp 4.7).

III – ELAS DEVEM SER REVIGORADAS CONSTANTEMENTE

Embora a salvação tenha sido dada a nós gratuitamente, independentemente de obras da lei, não significa que o cristão está isento de responsabilidades e que não precise praticar boas obras. A Palavra de Deus afirma que: “somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas” (Ef 2.10). Andar nelas significa permanecer praticando constantemente. O cristão recebeu de Deus a vida, portanto, é esta vida dinâmica que precisa ser exercitada. Como podemos revigorar estas virtudes em nossa vida prática?

1. Pelo pleno domínio da Palavra de Cristo em nós - “A palavra de Cristo habite em vós abundantemente, em toda a sabedoria, ensinando-vos e admoestando-vos uns aos outros, com salmos, hinos e cânticos espirituais; cantando ao Senhor com graça em vosso coração” (v. 16) – A razão pela qual, muitos crentes têm pouca intimidade com o Senhor Jesus é que eles têm pouca intimidade com a Palavra de Deus. Uma coisa depende da outra. A Palavra do Senhor deve habitar em nós. Isto significa fazer morada, permanecer. Não quer dizer memorização de textos ou costume de decorar versículos. Mas é a meditação na Palavra dia e noite (Sl. 1.2). É deixar que ela faça parte do nosso ser. É impregná-la em nosso espírito até que não saia da nossa boca, quando falarmos ou cantarmos, outra coisa que não seja a Palavra de Cristo. E até que todas as nossas atitudes sejam controladas por ela. Podemos dizer que temos intimidade com Jesus Cristo e que a Sua Palavra habita em nós abundantemente, quando permanecermos nela e ela em nós (Jo 15.7). Esta é a única maneira de revigoramos as virtudes cristãs em nossas vidas. O contrário disto é que explica a existência de crentes destituídos de virtudes.

2. Pela plena gratidão por todas as coisas - “E, quanto fizerdes por palavras ou por obras, fazei tudo em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai” (v. 17) - Aqui se aplica a autoridade do Senhor Jesus. Tanto o falar como o agir do cristão deve dignificar a Cristo. Somos reconhecidos pelo nome de Jesus, assim como o Filho é reconhecido pelo nome do Pai. Tudo que o cristão fizer por palavras ou por obras deve resultar em glória para Deus; deve ser autorizado pelo dono do nome; ser motivo de agradecimento; promover edificação e não servir de escândalo. Portanto, devemos permanecer praticando as virtudes cristãs, “Dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo” (Ef 5.20).

CONCLUSÃO: O cristão deve praticar boas obras, pois foi para isto que Deus o criou em Cristo. Não pode existir cristão estéril. A falta de virtude indica ausência de comunhão com o Senhor, pois é Nele que a virtude tem origem. O cristão precisa avaliar suas atitudes para saber se elas estão de acordo com a vontade de Deus, pois o nosso coração pode nos enganar, pensando que estamos fazendo algo para o Senhor e, de repente, estamos apenas alimentando o nosso “ego”. Se a Palavra de Cristo habitar ricamente em nós, não só manteremos comunhão com o Senhor, mas aumentarão em nós as virtudes cristãs necessárias para a prática cristã.

LIÇÃO 11 - COLOCANDO O SENHOR NAS NOSSAS RELAÇÕES, CL 3.18-25; 4.1

INTRODUÇÃO: Colossenses é uma epístola completa no que se refere ao comportamento cristão. Paulo se preocupou com a vida do servo de Deus de modo completo. A epístola derruba por terra a idéia de guardar religiosamente preceitos e viver uma vida de aparência, já que para o apóstolo a vida cristã deve se manifestar em todos os setores da vida, como exemplo para todos os homens e satisfação para o Senhor. Nesta lição veremos que a vida cristã resultante de uma rica intimidade com Jesus deve atuar nas relações do filho de Deus, não somente entre irmãos, mas no seio da família e na sociedade.

I – NAS RELAÇÕES FAMILIARES

É no seio da família que se intensificam os conflitos, por isto é o lugar onde a vida cristã exige maior similaridade com a pessoa de Cristo. A intimidade com Jesus nos faz entender quão importante é que todas as nossas atitudes encontrem aprovação do Senhor, pois, só assim, seremos bem sucedidos nas nossas relações familiares.

1. Conquistando o amor do marido pela sujeição no Senhor - “Vós, mulheres, estai sujeitas a vosso próprio marido, como convém no Senhor” (V.18) - A expressão “no Senhor” indica uma nova maneira de relacionar-se dentro do Corpo de Cristo que é a Igreja (Ef 5.21,22). Todas as ações de sujeição só têm permanência e real valor, se estiverem cativas à vontade do Senhor. A mulher que se sujeita ao seu marido apenas por medo de perdê-lo, ou porque lhe ensinaram na infância, que a mulher tem de obedecer a seu esposo, porque ele é homem, isto a fará infeliz. No momento que o amor maior, o de

Cristo, lhe constranger à submissão, esta atitude deixará de ser um fardo e a mulher se sujeitará ao seu marido com prazer, porque estará fazendo como ao Senhor (Ef 5.24). Conseqüentemente ela estará conquistando o amor do marido com a submissão.

2. Conquistando a sujeição da esposa pelo amor do Senhor - “Vós, maridos, amai a vossa mulher e não vos irriteis contra ela” (V. 19) – De igual modo, o homem não terá dificuldade em amar sua mulher que se apresenta submissa. Ele fará tudo para continuar amando-a para conquistar cada vez mais esta submissão. É uma questão de conquista e não de imposição. O marido cristão consegue amar a sua mulher porque a intimidade que mantém com o Senhor o capacita com o amor “ágape”, o amor de Deus, que nunca falha (1Co 13.4-8). Ele ama a sua mulher com a mesma intensidade com que Cristo ama a sua Igreja (Ef 5.25).

3. Conquistando, pela obediência aos pais, o prazer do Senhor - “Vós, filhos, obedecei em tudo a vossos pais, porque isto é agradável ao Senhor” (v. 20) – Os conflitos de geração deixam de existir quando pai e filho, filho e mãe, estão vivendo em íntima comunhão com o Senhor, pois em Jesus cai por terra, toda parede de separação. Com o seu sangue desfez inimizades (Ef 2.16). Os filhos aprendem a obedecer a seus pais, quando aprendem a obedecer a Cristo, pois passam a conhecer os princípios de autoridade legada: Deus – Cristo – pai – filhos (1Co 11.3; Ef. 6.1-3).

4. Conquistando o companheirismo dos filhos pelo trato no Senhor - “Vós, pais, não irriteis a vossos filhos, para que não percam o ânimo” (v. 21) – A causa básica está relacionada à tirania dos pais, que desconhecem as necessidades dos seus filhos e se esquecem de que já foram crianças, adolescentes e jovens, um dia. Também a falta de amor cristão, resultado da pouca comunhão com Jesus, levará os pais a criarem normas que servirão apenas para irritar seus filhos. Muitos jovens abandonaram a fé por causa do relacionamento familiar com os pais, que os levaram a “perder o ânimo”. Faltou Cristo nas relações, em compensação, intensificou as idéias religiosas sem embasamento bíblico (Ef 6.4).

II – NAS RELAÇÕES SOCIAIS

O cristão tem sua parcela de responsabilidade no que se refere ao relacionamento social. E só colocando Cristo nas atividades sociais, pode ser bem sucedido e agradar a Deus fazendo a sua vontade.

1. Os que servem devem fazê-lo em simplicidade de coração - “Vós, servos, obedecei em tudo a vosso senhor segundo a carne, não servindo só na aparência, como para agradar aos homens, mas em simplicidade de coração, temendo a Deus” (v. 22) - O serviço “só de aparência” é indicado pela palavra “ophthalmoudouliais” que quer dizer: “Serviço de olho”. Ou seja, prestar serviço sem vontade ou ânimo, mas apenas para ser visto (Ef 6.5,6). É comum encontrarmos obreiros, líderes, e outros com encargos cristãos, desempenhando suas funções com o objetivo de serem vistos, aplaudidos e reconhecidos. Portanto, tais cristãos só laboram quando tem alguém por perto prestigiando o seu trabalho. Igualmente, trabalhadores cristãos, que só produzem alguma coisa quando o chefe está observando. Com o cristão não deve ser assim. Ele precisa ter consciência de que está servindo, sobretudo, ao Senhor.

2. Os que laboram devem fazê-lo de todo o coração - “E, tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como ao Senhor e não aos homens, sabendo que recebereis do Senhor o galardão da herança, porque a Cristo, o Senhor, servis. Mas quem fizer agravo receberá o agravo que fizer; pois não há acepção de pessoas” (vv. 23-25) - O texto ensina verdades importantes:

a) “Tudo quanto fizerdes” - refere-se a todas as realizações do crente, seja na obra de Deus, no trabalho secular, nos negócios, na liderança cristã, nas relações familiares etc. (Cl 3.17);

b) “... de todo o coração...” - o coração, em sua totalidade, envolvendo entendimento, emoções e vontade, deve ser aplicado nas relações cristãs. Um coração humilde e quebrantado facilita estas relações;

c) “... como ao Senhor...” - a consciência do cristão deve estar voltada para a realidade de que está prestando serviço ao Senhor. Armado com este pensamento o cristão produzirá sem se importar com elogios ou críticas. Não se desanimará pensando que está sendo explorado pela igreja ou pela liderança. Não ficará ofendido quando não tiver retorno pelo seu grande esforço, pois faz para Deus (2Co 12.15);

d) “... não aos homens...” - Quem serve ao homem terá de se contentar em receber do homem a recompensa. Maldito o homem que confia no homem. Muitos obreiros estão desamparados hoje, depois de ter dado a vida na “obra”, porque passaram toda a vida servindo a homens e na hora de receber a recompensa, os homens falharam (Jr 17.5);

e) “... sabendo que recebereis do Senhor o galardão da herança...” - se o nosso trabalho é de fato como se estivéssemos servindo ao Senhor e se somos perseverantes em fazer tudo de acordo com a vontade de Deus, podemos esperar a recompensa do nosso trabalho em todos os sentidos (1Co 15.58);
f) “porque a Cristo, o Senhor, servis” - nada pode ser mais confortante do que a consciência viva de que somos “servos” do Senhor. Isto desmonta o nosso “ego”, fragiliza o nosso desejo de ser bem quisto, famoso ou de renome (Ef 6.6).

3. Os que dominam devem fazê-lo levando em conta o princípio da autoridade - “Vós, senhores, fazei o que for de justiça e eqüidade a vossos servos, sabendo que também tendes um Senhor nos céus” (4.1) – O cristão só aprende a se submeter quando aprende os princípios da autoridade legada. Obedecer ao que domina significa obedecer ao Senhor que lhe deu autoridade. Poderíamos mencionar fontes de autoridades: O governo, professores, líderes religiosos, pais etc. Desobedecer a uma autoridade é desobedecer e desafiar o próprio Senhor que constituiu toda autoridade. (Rm 13.2). Igualmente os que exercem autoridade devem fazê-lo levando em conta que sobre eles há também autoridades. Aqueles que dominam sobre os humildes devem saber que se cometerem injustiça, estarão fazendo “como ao Senhor”.

CONCLUSÃO: As relações familiares e sociais quase sempre enfrentam conflitos e muitas vezes terminam em separações e inimizades. A razão disto é que não colocamos o Senhor nas nossas relações. Fica fácil, aos casais, aos filhos, aos patrões, aos empregados, aos líderes, aos liderados, manter um relacionamento sadio e que glorifica a Deus, quando o Senhor toma o primeiro lugar. Quando nos conscientizamos de que existe um princípio de autoridade, fica mais fácil servir ao patrão, pois colocamos o Senhor acima de toda ordenação. Isto se aplica na submissão da esposa ao esposo, dos filhos aos pais, do empregado ao patrão, do patrão em relação aos empregados. Sejam obedientes e práticos no que a Palavra de Deus está nos instruindo. Não sejamos ouvinte desatentos que ouve sempre, mas nunca chega ao conhecimento da verdade.

LIÇÃO 12 - COMBATENDO EM ORAÇÃO, CL 4.2-18

INTRODUÇÃO: A oração apresentada por Paulo em Colossenses tem a mesma essência da que Jesus nos mandou praticar. A recomendação do Senhor é: “Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á” (Mt 7.7). Por causa da força desta oração, o apóstolo a considerava um “combate” (Cl 1.29; 4.12). A oração do cristão que está em Cristo é uma luta travada contra as trevas, nas “regiões celestiais” (Ef 6.12). Nesta lição iremos aprender que a oração combativa muda às circunstâncias, às vezes nos ajusta a elas, outras vezes nos leva a aceitá-la como sendo a vontade de Deus para as nossas vidas.

I – A ORAÇÃO QUE FAZ MUDAR AS CIRCUNSTÂNCIAS

Chegamos à penúltima lição e também a um nível de comunhão mais profunda com o Senhor. As riquezas da intimidade com Jesus Cristo, podem ser experimentadas na oração fervorosa. Evidentemente que esta oração exclui todo egoísmo e desejos mundanos. A vontade de Deus deve ser prevalecente.

1. Uma oração que contempla todas as coisas na ótica de Deus - “Perseverai em oração, velando nela com ação de graças” (V. 2) – A palavra perseverai, indica a idéia de continuidade e espera. Significa que mesmo nas dificuldades, quando as trevas se intensificam devemos ser constantes e prosseguir. A palavra “velando” quer dizer manter-se acordado, conservar-se aceso; estar alertar, vigiar. Todavia, existe uma verdade essencial na oração que prevalece. A vontade do cristão está completamente submissa à vontade do Senhor, inclusive seu livre arbítrio. Isto significa entrega total. Portanto, nossas palavras devem ser moderadas para não ofendermos aquele que é Senhor dos senhores. O que vamos pedir a Deus deve estar dentro da sua maneira de ver as coisas e não da nossa (Ec 5.1,2).

2. Uma oração que abre a porta para as maiores possibilidades - “orando também juntamente por nós, para que Deus nos abra a porta da palavra, a fim de falarmos do mistério de Cristo, pelo qual estou também preso; para que o manifeste, como me convém falar” (vv. 3,4) - A súplica é a oração necessária que dá preparo para qualquer obra espiritual. O apóstolo orava pedindo para o Senhor escancarar as portas para o evangelho. Se separássemos pelo menos à metade do tempo que passamos murmurando, reclamando, criticando os que tentam fazer alguma coisa, falando mal dos líderes, difamando o próximo, e o usássemos no exercício da oração, com certeza teríamos muito mais

conversões. Por outro lado, temos desperdiçado muito tempo orando, fazendo vigílias, “correntes”, “campanhas”, pedindo coisas efêmeras, para investir no inimigo de Deus, o mundo (Tg 4.1-4).

II – A ORAÇÃO QUE NOS AJUSTA ÀS CIRCUNSTÂNCIAS

Algumas vezes poderá ser que o Senhor prefira nos ajustar às circunstâncias. Como por exemplo, manter-nos perto de pessoas indesejáveis, não nos livrar daquele vizinho perturbador, impedir-nos de mudar de emprego ou do setor que trabalhamos, com a finalidade de nos usar para que por meio das circunstâncias as pessoas venham a mudar pelo conhecimento do evangelho. É isto que o texto nos recomenda:

1. Usando de sabedoria para congregar os que “estão de fora” - “Andai com sabedoria para com os que estão de fora, remindo o tempo” (v. 5) – É ali, perante os nossos inimigos, que o Senhor nos arma uma mesa farta (Sl 23.5). É em plenas trevas, que o Senhor faz resplandecer a nossa luz como luzeiros no mundo (Fp 2.15). É pelo combate da oração eficaz que conseguiremos andar sabiamente diante dos homens e tapar a boca dos ignorantes (1Pe 2.15), encurtando o tempo da vinda do Senhor.

2. Falando a palavra comedidamente para responder aos duvidosos - “A vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal, para que saibais como vos convém responder a cada um” (v. 6) - A palavra “temperada com sal” aponta para a palavra impoluta (não poluída) e que não fere o pudor. A nossa palavra deve ser embasada nas Escrituras, para respondermos a quem tem dúvidas. O nosso linguajar deve ser condizente com a fé que pregamos e não pode contestar a evidência da vida e da ética cristãs. As nossas palavras não podem ser amargosas (murmuração, contenda, difama, crítica, pessimismo, revolta), doces (bajulação, comodismo, elogios, adaptadas às circunstâncias) e salgadas (temperada, comedida, sábia, bíblica, imparcial, justa) ao mesmo tempo (Tg 3.10-12). Devem ser “temperadas com sal”.

III – A ORAÇÃO QUE NOS FAZ ACEITAR AS CIRCUNSTÂNCIAS

Chegamos ao ponto mais difícil de aceitação, por parte de grande maioria dos crentes, no que se refere à intimidade com o Senhor. Neste nível de intimidade, o cristão aceita Sua vontade plenamente, gloria-se nas tribulações e fraquezas (2Co 12.10), ama a Deus com um amor tão forte, que não faz caso da própria vida, mas, quer, de espírito, alma e corpo, agradar-lhe em tudo. Não se prende mais à uma oração de busca de satisfação dos desejos, mas de satisfação no deleitar em Cristo que é a nossa vida. É o que percebemos no texto bíblico:

1. Um esclarecimento consolador: Tudo o que passamos aqui está no controle do Senhor - (vv 7-9) – O apóstolo nos dá um exemplo digno de ser imitado. A sua preocupação não é que o Senhor melhore as coisas (ele estava preso), mas sim que estas coisas sejam compreendidas pelos crentes como sendo a mão de Deus. É o reconhecimento de que o Senhor está agindo em todos os acontecimentos da nossa vida (Pv 3.5,6). É o estarmos quietos naquele onde está a nossa força (Is 30.7b), é aquietar e saber que o Senhor é Deus (Sl 46.10). Sua recomendação à igreja de Colossos, por meio de Tíquico é que se sentissem consolados com a sua situação de prisioneiro preste a morrer na guilhotina.

2. Uma solicitação enérgica: Estando preso ou estando livre, importa fazer a vontade de Deus - (vv 10-13) - O amor abnegado de Paulo é perceptível na sua maneira de tratar as circunstâncias. Ele não vê o perigo nem a situação de sofrimento como prioridade, mas aceita estas situações como sendo parte do plano maior de Deus. Estava experimentado em todas as coisas (Fp 4.12). Este é o ponto que devemos alcançar em nossa vida cristã, a maturidade para enfrentar dificuldades e barreiras, alegrando sempre no Senhor (Fp 4.4). Diante do perigo da morte por causa do evangelho, simplesmente declarou: “Que fazeis vós, chorando e magoando-me o coração? Porque eu estou pronto não só a ser ligado, mas ainda a morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus” (At 21.13).

3. Uma afirmação contundente: “Atenta para o ministério que recebeste no Senhor, para que o cumpras” - (vv. 14-17) – Como pode alguém na situação do apóstolo, dentro de uma prisão, com os dias contados, estar preocupado com o ministério do Senhor? Isto faz um forte contraste com os obreiros de hoje, que estando livres e tendo todo o tempo para fazer a obra de Deus, não se apresentam e estão sempre indispostos. Somos levados a crer que estão livres da cadeia, mas não livres do pecado. O cristão neste nível de intimidade com Cristo, tem um forte amor para com Deus e a sua obra. É neste estágio onde o cristão pode dizer que colocou o Reino em primeiro lugar em sua vida (Mt 6.33).

4. Um pedido emocionante: “Lembra-vos das minhas prisões” - (vv. 14-18) – Um único pedido é apresentado pelo apóstolo. Ele quer que os irmãos o ajudem no “combate” eficaz por meio da oração.

Deseja que os irmãos se lembrem do seu estado e usem isto como exemplo para continuarem a vida cristã (At 15.25,26; 20.24; Fp 2.30). Em nenhum momento Paulo está reclamando da sua situação, apenas pedindo para que se lembrem da sua prisão, a fim de serem estimulados a continuar firmes e constantes. Esta atitude revela o grau de intimidade com Cristo e o amor abnegado que todos nós precisamos ter por Jesus Cristo.

CONCLUSÃO: A oração sincera correta e desprovida de egoísmo e ostentação é a arma mais poderosa que o Senhor nos concedeu. É pelo combate fervoroso que vencemos as trevas, o mundo e a nós mesmos. Algumas vezes a oração muda às circunstâncias, outras vezes nos leva a entender que o Senhor usa os meios para nos aperfeiçoar e nos levar à maturidade. Precisamos chegar a este nível de intimidade com o Senhor, onde a nossa oração pede aquilo que é para a satisfação de Deus. Leva em conta aquilo que é bom para expansão do Reino de Deus e não o que é para nossa satisfação pessoal. Quando os motivos da nossa oração forem a conversão dos incrédulos, o cumprimento cabal do ministério e a conformidade da nossa vontade com a do Senhor, então estaremos combatendo em oração.

LIÇÃO 13 – RECAPITULAÇÃO, CL 1.1-4

INTRODUÇÃO: As lições deste trimestre foram extraídas da epístola aos Colossenses, escrita aproximadamente em 61 A.D. Epafras trouxe uma carta a Paulo, apresentando um relatório sobre a situação da igreja. O objetivo desta lição é relembrar os ensinamentos mais importantes abordados no trimestre.

I – A INTIMIDADE COM CRISTO NOS CAPACITA

1. Para entender a natureza da Igreja (Cl 1.1-8) - Deus determina nossa posição funcional no Corpo. A Igreja é o Corpo vivo de Cristo e o Pai a organizou como quis (1Co 12.18). É importante que todos os membros tenham esta consciência de que estamos colocados na igreja para desempenhar a função estabelecida por Deus. O cristão que já experimentou o poder do evangelho e as riquezas da intimidade com Cristo, “já vai frutificando”. Não podemos conceber um cristão, que depois de ouvir o evangelho e conhecer a graça de Deus em verdade, continue estéril. O fruto é resultante da “graça de Deus em verdade” (Jo 15.8).

2. Para progredir espiritualmente (Cl 1.9-14) - Devemos transbordar em conhecimento da vontade do Senhor. Conhecimento prático que corresponde a todas as expectativas do Senhor. A renovação da nossa mente é imprescindível para chegarmos à condição de crentes inteligentes espirituais (Rm 12.2). Quando formos ao Senhor com atitude de entrega total para nos aprofundar em comunhão com Ele, perceberemos que o Seu grande amor torna as coisas deste mundo em insignificante efemeridade. Se o nosso prazer for realmente fazer a vontade do Senhor, então nada mais tomará Seu lugar em nossas vidas.

3. Para experimentar a reconciliação (Cl 1.15-23) - A graça de Jesus Cristo buscou salvar seus inimigos. A reconciliação proporcionou meio de aproximar o pecador, que estava longe do Deus Santo, por causa do pecado. A reconciliação é um resgate sem precedentes, que mostra claramente a força da graça do Senhor em fazer bem, mesmo àqueles que só merecem a ira divina. “... onde o pecado abundou, superabundou a graça” (Rm 5.20).

4. Para compreender o mistério revelado (Cl 1.24-29) - Deus colocou no homem um espírito e lhe deu o Espírito Santo para fazê-lo compreender as coisas espirituais que se discernem espiritualmente (1Co 2.14). Cristianismo é simplicidade. Todos os ensinamentos sofisticados, que a maioria dos crentes, principalmente os mais humildes, não pode compreender são, na verdade, invenção de homens. São ensinamentos elaborados para “encantar” as pessoas e fazê-las submissas ao portador de tais ensinamentos (Cl 2.8). O que foi manifesto aos santos, por Deus, qualquer crença nascida de novo, pode concebê-lo (1Co 2.10-15).

5. Para nos aprofundar em comunhão com o Senhor (Cl 2.1-10) – A oração não é mera repetição de palavras ou de frases decoradas, mas é o derramar do coração na presença do Senhor. O apóstolo Paulo se aplicava ao “grande combate” que é a vida de oração. É por meio dela que ele enfrentava e vencias as tentações e toda cilada do Diabo. O cristão precisa descobrir este tipo de oração, onde deixam de existir a formalidade e o egoísmo. “Grande combate” significa “guerra” contra as hostes infernais.

II – A INTIMIDADE COM CRISTO PROPORCIONA EXPERIÊNCIAS

1. Podemos vivenciar o perdão (CI 2.11-15) - Somos conscientes do quanto precisamos do perdão de Deus, pois é o restabelecimento da amizade entre as partes. Deus perdoa os nossos pecados porque Jesus pagou por eles (Ef. 1.7), mas nos perdoa na medida em que nós perdoamos os que nos ofendem (Mt 6.12).

2. Podemos nos libertar dos rudimentos do mundo (CI 2.16-23) – A vida cristã se traduz em simplicidade, e é rodeada dos favores de Deus. Somos enriquecidos dia após dia, pela presença de Jesus em nosso interior. Somos como a luz da aurora (Pv 4.18), hoje melhor do que ontem. Há progresso espiritual. A nossa grande preocupação é a de não sermos levados pelo engano do mundo a ponto de nos afastarmos da simplicidade que há em Cristo Jesus (2Co 11.3).

3. Podemos viver a vida ressurreta (CI 3.1-4) - O cristão que recebeu do Senhor vida nova, consegue alcançar o mais alto padrão de espiritualidade, porque vive numa outra dimensão, nas regiões celestiais em Cristo. Ninguém pode ressuscitar sem primeiro morrer. Se já ressuscitamos é porque já morremos para toda espécie de pecado conhecido e podemos encarnar esta realidade (Gl 2.20).

4. Podemos mortificar a carne (CI 3.5-11) - O pecado de natureza sexual é a prostituição, que envolve todos os tipos de comportamentos sexuais ilícitos, incluindo desvios e aberrações (Rm 1.24-27). A impureza se refere à intenção imoral. A paixão revela sensualidade, luxúria e lascívia. A concupiscência é o desejo por algo proibido, mas que se persegue para satisfação de desejos carnis impetuosos. Por último, a avareza que é idolatria. Estas práticas se opõem às práticas do novo homem (Ef 4.24). Os pecados internos são a ira, a cólera e a malícia. Os externos são a maledicência, as palavras torpes e a mentira. No primeiro caso, se refere aos pecados que se manifestam em nossos sentimentos interiores e, o segundo, a pecados que se manifestam verbalmente. O texto diz que devemos nos despojar destes males do “ego”. Despojar é se desfazer das obras da carne.

III – A INTIMIDADE COM CRISTO NOS LEVA À PRATICIDADE

1. Praticando as virtudes cristãs (CI 3.12-17) - Depois de despir-se dos vícios nocivos e egoístas, o cristão é ordenado a vestir-se (encher-se) de virtudes, objetivando o bem estar do próximo. Fomos chamados para imitar a Cristo, portanto, devemos agir com o nosso semelhante da mesma maneira como Deus e Cristo agem para conosco.

2. Colocando o Senhor nas nossas relações (CI 3.18-25; 4.1):

a) - Conquistando o amor do marido pela sujeição no Senhor. A expressão “no Senhor” indica uma nova maneira de relacionar-se dentro do Corpo de Cristo que é a Igreja (Ef 5.21,22);

b) - O marido cristão consegue amar a sua mulher porque a intimidade que mantém com o Senhor o capacita com o amor “ágape”, o amor de Deus, que nunca falha (1Co 13.4-8). Ama a sua mulher com a mesma intensidade com que Cristo ama a sua Igreja (Ef 5.25);

c) - Conquistando, pela obediência aos pais, o prazer do Senhor. Os filhos aprendem a obedecer a seus pais, quando aprendem a obedecer a Cristo, pois passam a conhecer os princípios de autoridade legada: Deus – Cristo – pai – filhos (1Co 11.3; Ef. 6.1-3);

d) - Conquistando o companheirismo dos filhos pelo trato no Senhor. Muitos jovens abandonaram a fé por causa do relacionamento familiar com os pais, que os levaram a “perder o ânimo”. Faltou Cristo nas relações, em compensação, intensificou as idéias religiosas sem embasamento bíblico (Ef 6.4);

e) - Os que servem devem fazê-lo em simplicidade de coração. O serviço só de aparência é prestar serviço sem vontade ou ânimo, mas apenas para ser visto (Ef 6.5,6);

f) - Os que laboram devem fazê-lo de todo o coração - (vv. 23-25).

3. Combatendo em oração (CI 4.2-18) - Uma oração que contempla todas as coisas na ótica de Deus. A palavra perseverai, indica a idéia de continuidade e espera. Significa que mesmo nas dificuldades, quando as trevas se intensificam devemos ser constantes e prosseguir. A súplica é a oração necessária que dá preparo para qualquer obra espiritual. O apóstolo orava pedindo para o Senhor escancarar as portas para o evangelho.

CONCLUSÃO: Encerrando este trimestre, esperamos que as nossas vidas tenham sido enriquecidas pelos ensinamentos da Palavra de Deus. Que estas verdades sejam aplicadas com toda diligência no nosso viver diário, para crescermos na graça e na comunhão com o Senhor, numa vida mais íntima e rica com Jesus Cristo.